



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE ARTES- IDA

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – CEN

CADERNO DE NOTAS DE COMPOSIÇÃO PARA A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA-
PEDAGÓGICA FRAGMENTOS DO DESEJO: TEATRO, FEMININO E EROTISMO.

BRUNA CRISTINA

BRASÍLIA- DF

2025

BRUNA CRISTINA SIMÕES DO AMARAL

CADERNO DE NOTAS DE COMPOSIÇÃO PARA A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA-
PEDAGÓGICA FRAGMENTOS DO DESEJO: TEATRO, FEMININO E EROTISMO.

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Departamento de Artes
Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientação: Saulo Silva Moreira

BRASÍLIA- DF
2025

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente à minha família, por ser meu porto seguro em todos os momentos. O apoio incondicional, as palavras de incentivo e o amor que recebi foram fundamentais para que eu pudesse concluir esta etapa tão importante da minha vida.

Aos meus amigos, pela companhia e pela força nos meus momentos de dúvida e cansaço. Vocês tornaram essa jornada mais leve e cheia de significados.

À minha psicóloga, que com sua escuta atenta e orientação acolhedora, me ajudou a superar desafios internos e a encontrar equilíbrio e confiança para seguir em frente. Sua contribuição foi essencial para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

E, especialmente, ao professor Saulo Moreira, cuja paciência, dedicação e amizade transcenderam a relação entre professor e aluno. Sua sabedoria e apoio constante me ajudou a acreditar no meu potencial. Obrigada por ser mais que um orientador. Você é um exemplo e uma inspiração.

Este trabalho também é de vocês.

Agradecimentos

Agradeço este trabalho ao meu professor e orientador Saulo Moreira, este trabalho é mais que uma simples entrega acadêmica, é um tributo à grandeza de quem você é e ao impacto que teve em minha vida. Sua paciência infinita, tão rara e valiosa, foi a base que me sustentou nos momentos de dúvida. Sua sabedoria não apenas ampliou meu conhecimento, mas também despertou em mim uma confiança que eu nem sabia possuir. Você foi mais que um professor, foi um guia, um conselheiro e um amigo. Com uma generosidade que transcende o ensino, você se dedicou a formar não apenas alunos, mas pessoas melhores, corajosas. Você é um exemplo de que ensinar é um ato de amor. Por isso, dedico este trabalho à sua dedicação impecável, à sua paciência incansável e ao carinho que marcou essa jornada. Que esta singela homenagem possa traduzir o meu respeito, minha admiração e minha gratidão por tudo o que representou. Obrigada por ser íntegro em sua missão e por acreditar em mim quando eu mais precisei.

Também agradeço a minha psicóloga Gabriela Costa com profunda admiração e gratidão. Dedico este trabalho a você que, com sua escuta acolhedora e suas palavras sábias, iluminou caminhos que eu nem sabia que existiam dentro de mim. Você me ajudou a me reconectar com minha essência, a enfrentar meus medos e a transformar minhas dores em aprendizado. Sua paciência, sensibilidade e dedicação foram um porto seguro em momentos de tempestade, e sua confiança em mim foi a faísca que reacendeu a minha própria fé no meu potencial. Mais do que uma profissional, você foi uma guia, uma parceira nessa jornada de autoconhecimento e cura. Este trabalho carrega as marcas das transformações que você me ajudou a conquistar e é uma pequena forma de expressar o quanto sua presença fez e faz toda a diferença na minha vida. Obrigada por me ensinar a me olhar com mais amor e a acreditar que eu sou capaz.

Agradeço aos meus amigos e à minha família, que foram meu alicerce em todos os momentos. Suas palavras de incentivo, apoio incondicional e amor genuíno me deram força para seguir em frente, mesmo nos dias mais difíceis. Obrigada por acreditarem em mim e por estarem sempre ao meu lado.

RESUMO

O TCC funciona como um caderno de anotações da atriz/educadora Bruna Cristina e apresenta, em formas de notas, um dossiê de artistas/autores que agenciam uma discussão sobre Erotismo e feminilidade: *Blasted* de Sarah Kane, A casa dos budas ditosos de João Ubaldo Ribeiro, O erotismo de Georges Bataille, A bruxa e calibã de Silvia Federici, A Marcha das Vadias, Notas sobre a experiência de Jorge Larrosa, Ensinando a transgredir de Bell Hooks, poema de Maya Angelou. A finalidade do TCC é construir uma residência artística que irá discutir o Erotismo e a feminilidade como gestos de transgressão diante dos interditos e das subalternizações do corpo da mulher.

Palavras-chave: Erotismo, feminilidade, Teatro político.

ABSTRACT

This monograph serves as a notebook of notes by actress/educator Bruna Cristina, presenting a dossier of artists/authors that comprises a discussion on Eroticism and Femininity. This dossier is composed of the following authors/works: *Blasted* by Sarah Kane, *The House of the Blissful Buddhas* by João Ubaldo Ribeiro, *Erotism* by Georges Bataille, *Caliban and the Witch* by Silvia Federici, *The SlutWalk*, *Notes on Experience* by Jorge Larrosa, *Teaching to Transgress* by Bell Hooks, and a poem by Maya Angelou. The purpose of this text is to develop an artistic residency that will discuss Eroticism and Femininity as gestures of transgression against the prohibitions and subalternizations of the female body.

Keywords: Eroticism, Femininity, Political Theater.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. NOTA 1 – O QUE APRENDI SOBRE EROTISMO COM SARAH KANE.....	12
3. NOTA 2 – O QUE APRENDI SOBRE EROTISMO COM A CASA DOS BUDAS DITOSOS.....	13
4. NOTA 3 – O QUE APRENDI SOBRE EROTISMO EM O EROTISMO.....	16
5. NOTA 4 – O QUE APRENDI COM A BRUXA E O CALIBÃ.....	18
6. NOTA 5 - PLANEJAMENTO DA RESIDÊNCIA FRAGMENTOS DO DESEJO: A EXPRESSÃO FEMININA TEATRO.....	20
7. CONCLUSÃO.....	23
8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

Introdução

A minha escolha de tema para o Trabalho de Conclusão de Curso – “Erotismo Feminino Através da Teatralidade” – reflete duas paixões e vivências que marcaram minha trajetória pessoal e acadêmica: o teatro e a investigação da sexualidade feminina. Desde criança, o teatro era a atividade que mais me fascinava e me fazia sentir livre. Por meio dele, desenvolvi minha autonomia, superei a vergonha de me expressar e encontrei um espaço seguro para explorar emoções e sensações que antes estavam reprimidas.

O teatro na minha vida foi um lugar de construir outras intensidades na minha vida. A grande maioria das pessoas vivem como Sísifo: rei de Corinto que, ao desafiar as regras divinas e enganar tanto Tânato quanto Hades, foi condenado pelos deuses a empurrar eternamente uma pedra até o topo de uma colina, apenas para vê-la rolar de volta, simbolizando a luta incessante e sem propósito contra forças maiores. A grande maioria das pessoas trabalham com aquilo que vai, pragmaticamente, ajudá-las a sobreviver. Eu nunca quis uma vida monótona e em muitos momentos chorei porque pensei em desistir da graduação para ter um trabalho mais seguro. Eu nunca quis ser Sísifo.

O teatro funciona, para mim, como um dispositivo subjetivo e político. Através dele, posso experienciar a vida como travessia. Conforme aprendi com Jorge Larrosa no texto “Notas sobre a Experiência” devemos nos expor com as coisas que nos passam nos toca e nos afeta viver de verdade a experiência por mais que ela seja perigosa.

Concomitante ao teatro, a relação com a minha sexualidade também se tornou algo significativo e natural, ao ponto de querer discutir abertamente temas como o erotismo e o empoderamento feminino. Durante minha formação em Artes Cênicas, iniciada no ano de 2019, percebi como essas duas dimensões – a teatralidade e o erotismo – poderiam, principalmente nas aulas de movimento e interpretação, se entrelaçar. Eu sempre quis ser Afrodite: deusa do amor, da beleza, do desejo e da fertilidade.

Um momento disparador para que eu conseguisse perceber a relação entre teatro e erotismo foi durante a disciplina de Movimento e Linguagem 2 com Soraia Maria Silva.

A proposta da professora era criar uma performance baseada nos elementos da natureza. Eu escolhi o fogo porque sempre achei um elemento hipnotizante e também porque ele traz uma dualidade próprio do erótico: a destruição e a construção; aquilo que escapa e permanece. Só depois, lendo Bachelard, aprendi que:

Dentre todos os fenômenos, o fogo é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. Ele brilha no Paraíso, abrasa no Inferno. É doce e tortura. Cozinha e apocalipse. É prazer para a criança sentada ajuizadamente junto à lareira, castiga, no entanto, toda desobediência quando se quer brincar demasiado de perto com suas chamas. O fogo é bem-estar e respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se, por isso é um dos princípios de explicação universal. (BACHELARD, 2008, p. 11)

Escolhi, para a performance, muito vinculada aos clichês do sensual, usar um figurino vermelho. Quis criar uma atmosfera de sedução, experimentar uma performatividade que me colocasse numa errância erótica – eu pude experienciar corporalmente uma teatralidade que traduziu, de alguma maneira, um devir mulher. Usei a música *Earned It* cujo *beat* – a pulsação de tempo que dá ritmo a uma música – aponta para uma rítmica sensual:

I'ma care for you
You make it look like it's magic (oh, yeah)
'Cause I see nobody, nobody but you, you, you
I'm never confused
Hey, hey, and I'm so used to being used

So I love when you call unexpected
'Cause I hate when the moment's expected
So I'ma care for you, you, you
I'ma care for you, you, you, you, yeah

'Cause girl, you're perfect
You're always worth it
And you deserve it
The way you work it
'Cause girl, you earned it, yeah
Girl, you earned it, yeah¹

¹ A tradução livre feita por mim é: Vou cuidar de você/Você faz parecer que é magia (oh, sim)/Porque eu não vejo ninguém, ninguém além de você/Eu nunca estou confuso/Ei, ei, e estou tão acostumado a ser usado/Então eu amo quando você liga inesperadamente/Porque eu odeio quando o momento é esperado/Então vou cuidar de você, você, você/Vou cuidar de você, você, você, você, sim/Porque, garota, você é perfeita/Você sempre vale a pena/E você merece/A maneira como você trabalha/Porque, garota, você conquistou, sim/Garota, você conquistou, sim. Você pode escutar esse música pelo link a seguir acessado em 03 de janeiro de 2025: <https://www.youtube.com/watch?v=waU75jdUnYw>.

A música, entre as chamas de fogo projetadas, ‘caiu como uma luva’ com o estilo de dança *Chair Dance*² que usei na dramaturgia. Essa experiência que pode parecer óbvia e clichê, reforçou minha conexão com a expressão corporal que eu estava trabalhando nas aulas de movimento e foi muito importante para eu ter mais confiança com meu corpo em cena. Essa cena construída foi o começo, uma espécie de epifania, para eu perceber a força do erótico e de uma feminilidade em futuras propostas cênicas e pedagógicas.

No ano passado, nas aulas de *Metodologia de Pesquisa em Artes Cênicas e Educação*, sob orientação do professor Saulo Moreira, comecei, inevitavelmente, a pensar no erotismo como tema central para o TCC. Esse período foi fundamental para desenvolver a ideia de uma pesquisa sobre a teatralidade para fazer um investimento do erotismo feminino como expressão artística e possibilidade de empoderamento e autodescoberta.

Quis, então, pensar numa pesquisa na qual eu pudesse fazer um levantamento teórico, cênico e literário para criar uma residência artística-pedagógica que tivesse o erótico e o feminino como forças centrais. Esse TCC é, portanto, essa investigação epistemológica, ainda que inicial, com a finalidade de produzir uma prática no formato de residência artísticas. A residência ainda não saiu do papel porque quis criar uma base teórica que me autorizasse a fazê-la num futuro breve. Portanto, esse TCC funciona como uma âncora e aponta para um futuro: a continuação de uma investigação prática sobre erotismo e feminilidades. Nos próximos tópicos (que tratarei como notas) passearemos pelos seguintes artistas/obras: Maya Angelou, Sarah Kane, Bell Hooks, o livro *A casa dos Budas ditosos*, o livro *O Erotismo*.

Nota 1 – Empoderamento e auto-aceitação: o que Maya Angelou e bell hooks pode nos ensinar ou qual é o meu objetivo

O empoderamento não é apenas mais um significante no glossário acadêmico, mas aponta para um processo de reconquista do poder e da autonomia, especialmente no contexto feminino, que envolve a conscientização da própria força, a desconstrução

² A *Chair Dance* mescla movimentos da dança sensual utilizando-se de uma cadeira. A técnica envolve habilidades de força e de equilíbrio dinâmico, além de enaltecer a autoconfiança e a autoestima por meio dos movimentos realizados.

de discursos e práticas estruturantes na sociedade e a afirmação de direitos e escolhas. Conforme Maria Helena Santana Cruz,

O termo empoderamento (*empowerment*) originou-se nos Estados Unidos durante os movimentos de direitos civis dos anos de 1960, generalizando-se em vários aspectos, em nível internacional, nacional e comunitário. No início foi liderado por mulheres feministas no campo do desenvolvimento e dos movimentos sociais das mulheres, em meados dos anos de 1970, e logo se ampliou aos estudos sobre comunidades; o termo passou também a nomear a cooperação para o desenvolvimento em agências como o Banco Mundial e chegou a ser parte das *Metas do Milênio* estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000, com o apoio de 191 nações, que ficaram conhecidas como *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* (ODM). São eles: 1. Acabar com a fome e a miséria. 2. Oferecer educação básica de qualidade para todos. 3. Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres. 4. Reduzir a mortalidade infantil. 5. Melhorar a saúde das gestantes. 6. Combater a Aids, a malária e outras doenças. 7. Garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente. 8. Estabelecer parcerias para o desenvolvimento (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2000). (CRUZ, 2018, p. 101)

Falar sobre empoderamento feminino me faz lembrar de Maya Angelou que foi uma das vozes mais poderosas do século XX, sendo um símbolo de força, resistência e celebração do corpo feminino negro. Angelou aborda o empoderamento como um processo pessoal e íntimo de reconciliação com o próprio corpo e identidade e, por isso, como um ato de resistência política e social. Na poesia de Angelou a corporeidade das femilidades funcionam como forças vitais.

O erotismo, em sua obra, é a celebração. Ela encoraja a mulher a olhar para si mesma com orgulho, a não se permitir ser limitada ou definida pelos outros, mas a descobrir e reivindicar sua própria história, seu próprio desejo e sua própria liberdade. Através de sua trajetória de vida, Angelou mostrou que o empoderamento feminino começa com o amor-próprio. A mulher, especialmente a mulher negra, deve aprender a se amar e se aceitar em todas as suas formas e expressões. Para ela, o corpo feminino é um espaço de resistência no qual a mulher pode se manifestar em toda sua complexidade, enfrentando o medo de ser julgada e forjando o poder de se afirmar e se autocelebrar.

Ao escrever sobre autodescoberta e empoderamento, Angelou nos ensina que a jornada externa é interna e vice-versa. Ela nos ensina que, ao nos conectarmos com nossa própria sensualidade e identidade, nos tornamos mais fortes, disruptivas e mais livres. Em uma sociedade que frequentemente silencia e marginaliza as mulheres,

especialmente as mulheres negras, Angelou se tornou uma voz que não só gritou por liberdade e igualdade, mas também fez da autodescoberta e da celebração do corpo feminino um caminho de resistência e de afirmação do poder feminino:

As mulheres bonitas se perguntam onde está o meu segredo.
Não sou bonita ou feita para o tamanho de uma modelo de moda,
Mas quando começo a contar,
Elas pensam que estou mentindo.
Eu digo,
Está no alcance dos meus braços,
Na largura dos meus quadris,
No passo da minha caminhada,
No sorriso dos meus lábios.
Sou uma mulher
Fenomenal.
Mulher fenomenal,
Essa sou eu. Eu entro numa sala,
Tão tranquila quanto posso,
E para um homem,
Os rapazes se levantam ou
Caem de joelhos.
Então eles se aproximam de mim,
Uma colmeia de abelhas.
Eu digo,
Está no fogo nos meus olhos,
E no brilho dos meus dentes. (Angelou, 1978)

Com Angelou aprendo que o foco do poder pode ser mudado possibilitando que as assimetrias e desvantagens historicamente produzidas sejam hierarquicamente modificadas pelo empoderamento. É importante confundir a ideologia patriarcal e habilitar as mulheres.

Eu tenho defendido, a partir das minhas marcas subjetivas e minha experiência na formação em Artes Cênicas, que o teatro pode ser experienciado como um território de empoderamento, autodescoberta e desconstrução. Meu objetivo na residência pedagógica *Fragmentos do desejo: teatro, feminino e erotismo* (motivo da investigação e escrita desse TCC) é, portanto, investigar como o corpo feminino, aliado às possibilidades estéticas e performativas do teatro, pode se tornar um veículo de comunicação, transformação e libertação.

Bell Hooks define libertação como um processo de emancipação individual e coletiva das opressões estruturais, especialmente aquelas baseadas em gênero, raça e classe. Ela enfatiza que a libertação requer dismantelar o patriarcado e também reimaginar relações humanas livres de dominação. Para Bell Hooks, o feminismo é um

movimento para acabar com todas as formas de opressão, criando um mundo mais compassivo e igualitário. Essa pesquisa fundamenta-se em estudos teóricos sobre o erotismo, a corporeidade e a teatralidade, aliados a experiências práticas e autorais que serão desenvolvidas ao longo do trabalho.

Com este TCC, pretendo não apenas expandir a discussão sobre o erotismo feminino no contexto das artes cênicas, mas também contribuir para uma complexificação e estereótipos relacionados à sexualidade e à expressão corporal da mulher. Este é um tema que não apenas dialoga com minha trajetória pessoal, conforme já pontuei, mas também com as necessidades de comunidades minoritárias que busca, cada vez mais, formas de expressão livres e conscientes.

Nota 1 – O que aprendi sobre erotismo com Sarah Kane

Sarah Kane foi a primeira dramaturga que me impactou. A intensidade emocional, o desnudamento explícito da sexualidade me fez ter contato com um teatro da pornografia da violência e, por isso mesmo, disruptivo. No início da graduação, li “Blasted”³ (1995). Ali, Kane fala sobre abuso sexual e violência doméstica. O erotismo aparece de maneira desconfortável amalgamado pelo poder e agressão:

Cate treme e começa a sentir falta de ar. Ela desmaia. Ian vai até ela, pega o revólver e coloca no coldre. Ele a deita de costas na cama. Ele põe o revólver na cabeça dela, deita entre as pernas e simula que está fazendo sexo. Assim que ele goza, ela senta ereta com um grito. (KANE, 1995, p. 24)

Esse texto foi tão impactante para mim que, na matéria de *Poéticas teatrais* no ano de 2019 com o professor Marcus Mota, escrevi um trabalho cujo título foi *Violência Hiper-realista: uma análise de Blast de Sarah Kane*. Chamei de violência hiper-realista porque a poética de Kane parece não estar mais atrelada a uma vontade de representação e de artificializar os gestos. Aquilo que se lê e vê parece menos uma encenação e mais real do que o real se mostra. Há uma super-exposição do real. Veja esse trecho:

³ A peça conta a história de Ian, um jornalista alcoólatra, racista, misógino e homofóbico, e Cate, uma jovem burguesa, gaga e inocente. Os dois vivem uma relação de violência psicológica, sexual e física. A situação é interrompida pela entrada de um soldado que traz consigo uma visão apocalíptica. O soldado se apodera de Ian, descrevendo-lhe as atrocidades que testemunhou desde o início da guerra.

Ian – Não tenha pena de mim, Cate. Você não tem que trepar comigo porque eu tô morrendo mas não ponha a boceta na minha cara e depois tira porque senão eu mostro a língua pra você. (KANE, 1995, p. 11)

Pela sua intempestividade, Kane é considerada uma das vozes mais importantes do teatro contemporâneo. O erotismo de *Blasted* se delineia na crueza da vida e de um sexo sem idealizações. Não por acaso, a autora faz parte do movimento teatral *In-Yer-Face* (Teatro na sua cara), um estilo de teatro britânico que surgiu na década de 1990. O termo foi usado pelo crítico de teatro Aleks Sierz no título de seu livro *In-Yer-Face Theatre: British Drama Today*. O *In-Yer-Face*, como se pode ver na obra de Kane, é um teatro confrontacional, violento e radical, que apresenta material vulgar e chocante no palco. O objetivo é envolver e afetar o público.

A poética de Kane, assim como todos os artistas que irei apresentar aqui, através de notas e comentários, foram fundamentais para montar uma poética do erótico que estará na Residência Artística *Fragmentos do desejo: teatro, feminino e erotismo*.

Nota 2 – O que aprendi sobre erotismo com *A casa dos budas ditosos*

*Faço tudo que me dá na cabeça, não quero saber de limitações.
Eu não pequei contra a luxúria. Quem peca é aquele que não faz
o que foi criado para fazer*

João Ubaldo Ribeiro.

Falar e escrever sobre as linhas de força que o erotismo pode apresentar, e como ele me movimenta, me fez ler outro texto que entrou na coletânea da minha pesquisa. Meu orientador, Saulo Moreira, ao ouvir sobre minha vontade de falar sobre erotismo e compulsão sexual e religião, me indicou o provocativo *A Casa dos Budas Ditosos* de João Ubaldo Ribeiro.

“A casa dos budas ditosos” (1999) é narrado em primeira pessoa por CLB, uma mulher de 68 anos, nascida na Bahia e residente no Rio de Janeiro. Ela experiencia o sexo e sua sexualidade como procedimentos da sua existência. O livro é, conforme nos diz a própria narradora CLB (Ribeiro, 1999, p. 17), “(...) um depoimento sócio-histórico-lítero-pornô (...)”, recheado com as aventuras sexuais dela própria, da pré-adolescência à terceira idade, passando por incesto, sexo grupal, troca de casais, homossexualidade e sexo informático.

O livro *A Casa dos Budas Ditosos* integra a coleção *Plenos Pecados* e aborda, de forma ousada e provocativa, o pecado da luxúria. Narrado em primeira pessoa, apresenta o relato de uma mulher baiana de 68 anos, que revisita suas memórias de vida marcadas pela entrega irrestrita aos prazeres do corpo e pela celebração da liberdade sexual.

A narradora desafia tabus sociais e morais ao descrever, sem pudor, suas experiências sexuais e sua filosofia de vida, baseada na ideia de que o prazer é uma forma de transcendência e autoconhecimento. Em seu discurso, ela confronta hipocrisias da sociedade e propõe uma visão libertária e hedonista da existência.

João Ubaldo Ribeiro utiliza uma linguagem rica, direta e sensual para explorar os limites entre erotismo, moralidade e liberdade individual, transformando a narrativa em uma celebração da vida vivida sem arrependimentos. O livro provoca reflexões sobre o desejo, o corpo e a autonomia, convidando o leitor a repensar preconceitos e convenções sociais.

Ler esse livro me fez rever a relação que posso vir a ter com o desejo. Cada relato da protagonista, cheio de humor, poesia, pornografia e intensidade, faz com que possamos repensar essa brasa que está dentro de cada um de nós, por mais que esteja reprimida, especialmente na construção subjetiva de muitas mulheres.

O nosso imaginário erótico, se estimulado, pode trazer novos significados para o nosso corpo e para a nossa sexualidade. O livro nos provoca coragem para apostar nas fantasias recalcadas que habitam os nossos silêncios. O livro investe na ideia de prazer desconstruindo estigmas impostos pelo etarismo e o machismo. O texto é uma reafirmação do amor próprio e da autonomia. A protagonista não pede permissão para desejar, não busca aprovação para existir. Ela ensina que o corpo feminino é um território para experimentar a vida através do sexo:

O pecado é libertador, é a suprema afirmação de que somos donos de nossas almas e corpos, de que, ao menos em algum momento, nos permitimos ser divinos em nossa humanidade. O que seria de nós sem o prazer? Sem o gozo? Sem essa ousadia de viver o desejo até o último suspiro? Eu vivi, e vivi plenamente, porque compreendi cedo que a moral é uma invenção de quem tem medo de sentir. (Ubaldo, p 66, 1999)

Esse será um dos textos escolhidos para discussão na Residência *Fragments do desejo: teatro, feminino e erotismo*. Muitas mulheres, em suas específicas singularidades,

podem produzir desejos disruptivos, mas nem todas têm coragem de expressar pois se sentem envergonhadas e interditadas pelas práticas discursivas centradas num pensamento disciplinador e falocrático.

O livro de João Ubaldo foi adaptado para o teatro por Domingos de Oliveira e transformou-se em um monólogo interpretado por Fernanda Torres. Sozinha em cena, desde 2004, Torres reapresenta a baiana sexagenária que escancara, com bom humor, as memórias de suas incontáveis experiências sexuais. Os relatos libertários são ressignificados especialmente quando pensamos o Brasil conservador atual. Em entrevista para o jornal *O Globo*, em 2019, Torres dirá que “é estranho: quanto mais faço e refaço esse espetáculo, mais sério e mais grave ele me parece”.

A tradução do livro em peça, nos faz redimensionar ainda mais a questão da vergonha como um afeto que interdita as mulheres para experienciar o corpo e a sexualidade. Nesse sentido, o livro e a peça funcionam como obras que movimentam os discursos disciplinatórios e de controle distribuídos no nosso cotidiano. O erótico em “A casa dos budas ditosos” tem uma função pedagógica da liberdade:

As pessoas leem romances, biografias, confissões e memórias porque querem saber se as outras pessoas são como elas. Não somente por isso, mas muito por isso. Querem saber se aquilo de vergonhoso que sentem é também sentido por outros, querem olhar mesmo pelo buraco da fechadura e, quanto mais olham, mais precisam olhar, nunca estarão saciadas. Faz bem, é reconfortante. Porque eu tenho a convicção de que a maior parte das mulheres e homens é como eu e pensa que não, cada um pensa que é único em suas maluquices. Não é, não, somos todos iguais. (UBALDO, 1999, p. 18)

Com a leitura do livro fui flagrando o erotismo feminino como um gesto teatral produtor de transgressão e de uma liberdade própria da personagem. O livro me levou a um lugar que eu sempre quis explorar: a invenção de um corpo “sem-vergonha”, sem culpa, indisciplinado, entregue a sua fúria, ao seu fluxo e atento ao prazeres e seus (des)limites. CLB com sua coragem de se confessar, me fez perceber que o erotismo é sobretudo um ato físico – o corpo, fui entendendo, não está subjugado a ideia aristotélica e aristocrática de alma. O corpo é uma celebração da vida, uma expressão teatral festiva em que a vida é palco e enredo.

Estou seduzida por essa mulher de quase 70 anos, estou seduzida por suas palavras e, mais do que isso, inspirada a questionar as regras que por tanto tempo

governam a percepção sobre o prazer feminino de tantas mulheres. Depois de *A casa dos Budas ditosos* digo, exagerada, virei outra pessoa, repito isso, pois o livro me atravessou. Por onde eu passo eu o recomendo – quase como se eu quisesse fundar uma Ceita – a Ceita do corpo, do prazer, do desejo forjado na luxúria de CLB.

Enquanto lia as confissões devassas da autora disse para minha vó de 70 anos ler também, levei a narrativa para minha psicóloga, o livro foi assunto de metade da minha sessão de terapia, minhas amigas Kelly, Leticia sabem do livro, eu e meu boy estamos planejando ler o livro junto. Em muitos momentos me vi, teatralmente, no lugar da personagem. Talvez eu seja essa personagem, talvez eu queira me tornar essa personagem. Eu quero chegar perto dela e conversar. Eu quero chegar mais perto dela, mais, mais, mais até me desfazer das minhas próprias amarras porque sinto que ainda tenho tanto para experimentar.

Essa história de que não se pode misturar amizade com sexo é uma maluquice, é precisamente o contrário. É porque as pessoas envolvem o sexo em tanta merda, mesquinharias, ciúmes, de peitos, inseguranças, disse me disse, suspeitas, afirmações de ego, tanta, tanta merda, que fazer sexo com amigos às vezes acaba prejudicando a amizade. Não se oferece merda aos amigos, atentar nisso, os amigos são muito importantes. (UBALDO, 1999, p. 45)

Ratifico, a partir dessa leitura, o erotismo como um te-ato⁴ de transgressão. O erotismo é uma espécie de conexão com o mistério da vida. Existe uma performatividade⁵ próprio do corpo em estado erótico – o olhar de cigana obliqua e dissimulada, o toque confundindo tempo e espaço, o suor produzido, o coração acelerado, o gozo, o arrepio. Terminei o livro e percebi que estava diferente, mais livre, mais consciente da minha própria existência e do poder que carrego enquanto mulher.

Nota 3 – O que aprendi sobre erotismo em *O erotismo*

É inevitável, ao falar sobre erotismo, não identificar nos estudos genealógicos sobre o tema, o livro *O erotismo* de Georges Bataille, filósofo francês do século XX.

⁴ “Te-ato” é um termo que pode ser usado para se referir a teatro de forma estilizada ou poética. Ele é frequentemente empregado para destacar a ação performática do teatro, a junção de “te” (de “teatro”) e “ato”, remetendo ao ato teatral, ao desempenho em cena ou à encenação.

⁵ Performatividade: Conceito amplamente discutido por teóricos como Judith Butler, refere-se à ideia de que identidades e ações não são inerentes ou naturais, mas construídas e reiteradas por meio de práticas sociais e linguagens. No contexto das artes, a performatividade indica que a atuação não é apenas representativa, mas também constitutiva, ou seja, cria realidades ao ser executada.

Bataille inicia seu livro com uma definição ampla de erotismo. Para o autor o erotismo é uma experiência que não está atrelada a sexualidade. Ele argumenta que o erotismo é uma forma de comunicação entre os seres humanos que vai além das palavras e dos atos físicos, e que é uma força que nos conecta com o desconhecido e o sagrado:

Para Bataille, o ser humano é um ser descontínuo. Nasce só. Morre só. O paradoxo é que se, por um lado, queremos sempre conservar essa descontinuidade (tememos a morte), por outro, sentimos falta da continuidade perdida ao nos percebermos como indivíduos. O erotismo é a dança, propriamente humana, que se dá entre esses dois polos, o do interdito e o da transgressão. (SCHEIBE, 2013, p. 16)

A citação nos ajuda a entender Bataille. Para ele, o erotismo situa-se entre dois polos, a saber: o interdito e a transgressão. Ele afirma que pertencemos “a um e a outro desses dois mundos, entre os quais sua vida, queira ou não, está dilacerada” (p. 63). O interdito (aquilo que é proibido, ilícito ou imoral) pode ser transgredido. É por meio da transgressão que podemos experimentar a vida. Essa é a chave para entender o que estou defendendo sobre a teatralização do erotismo.

No paradoxo do humano e diante do que foi exposto, um outro aspecto abordado por Bataille é a relação entre erotismo e tabu. O tabu, segundo ele, é uma restrição imposta à expressão do desejo erótico, e é justamente essa restrição que torna o erotismo tão poderoso. Bataille sugere que o erotismo só pode ser experimentado através da transgressão desses tabus, e que é essa transgressão que nos permite acessar a dimensão sagrada do erotismo. Nesse sentido, a escolha de pensar o erotismo com Bataille se conecta com as duas notas anteriores quando trouxe o teatro erótico de Kane e a narrativa pornográfica de João Ubaldo Ribeiro.

Para Bataille, assim como para narradora de *A casa dos budas ditosos* e os personagens de *Blasted*, o erotismo é uma força vital que transcende as fronteiras da razão e da moralidade. Através dessas obras, aprendo que o erotismo está ligado à nossa busca por experiências que nos conecta com o outro. Meu argumento é que, ao trazer essas obras, a experiência erótica envolve uma perda temporária de controle e uma entrega ao desconhecido. Nesse sentido, o erotismo pode ser visto como uma forma de transgressão dos limites sociais e morais, uma experiência que nos leva além das convenções estabelecidas. O erotismo, como quero abordar, trata-se de uma força vital que nos conecta com nossa finitude. O erotismo está na lógica daquilo que Jorge Larrosa definiu como experiência. É assim que quero experienciar o erotismo no teatro:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível no tempo em que correm, requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir mais, sentir mais devagar, demorar nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão e escutar aos outros, ter paciência e dar tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p. 5)

Nota 4 – O que aprendi com *A Bruxa e o calibã*

Nessa nota, quero trazer o livro “A bruxa e Calibã: mulheres, corpo e acumulação primitiva” de Silvia Federici para mostrar que o controle dos corpos e da sexualidade das mulheres foi essencial para o aparecimento do capitalismo. Com o advento da modernidade e a ascensão da burguesia na Europa, o mundo ocidental testemunhava a passagem das sociedades feudais para as novas e incipientes sociedades capitalistas. A obra de Federici consiste em uma análise histórica dos atos praticados para o estabelecimento do capitalismo: a procriação como trabalho feminino não pago, a demonização da mulher com a caça às bruxas ocorrida na Europa, os processos de colonização das Américas e a criação de fronteiras raciais:

Todavia, no final do século XV foi posta em marcha uma contrarrevolução que atuava em todos os níveis da vida social e política. Em primeiro lugar, as autoridades políticas empreenderam importantes esforços para cooptar os trabalhadores mais jovens e rebeldes por meio de uma maliciosa política sexual, que lhes deu acesso a sexo gratuito e transformou o antagonismo de classe em hostilidade contra as mulheres proletárias. (FEDERICI, 2020, p. 45)

O título do livro de Federici vem da peça “A tempestade” de Shakespeare. Na peça, Calibã é um sujeito escravizado filho da bruxa Sycorax. Eles representam, respectivamente o racismo e o sexismo que o capital impõe. Símbolo para o corpo proletário, a bruxa, antes relegada a segundo plano, situa-se no centro da cena para Federici.

As mulheres com acesso à terra: lavradoras, pedreiras, parteiras e curandeiras, sábias, independentes, irreverentes e muitas vezes pobres e solteiras, possuíam conhecimentos sobre ervas e sobre a natureza, e tinham autonomia sobre seus corpos,

decidindo elas mesmas sobre a gravidez ou o aborto. Ali, os processos reprodutivos estavam em pé de igualdade com a produção.

Feminicídios cometidos em nome da caça às bruxas seguem um aspecto fundante do capitalismo. O livro nos mostra como é imposto às mulheres o papel de produtoras de mão de obra, obrigando-as, pelo terror ao trabalho forçado e sem remuneração, a exercer gratuitamente os serviços domésticos necessários para sustentar os maridos e os filhos homens para serem usados como força de trabalho do sistema nascente. Muitas mulheres que fugiam das normas impostas pela igreja e pela sociedade patriarcal foram consideradas Bruxas. O corpo feminino passou a ser visto como perigoso, tentador e ligado ao pecado.

O texto também nos mostra que a prostituição foi um dispositivo para acabar com os protestos de trabalhadores. Foram implementados estabelecimentos de bordeis para serem lucrativos para o Estado.

Outro aspecto da política sexual fragmentadora que príncipes e autoridades municipais levaram a cabo com a finalidade de dissolver o protesto dos trabalhadores foi a institucionalização da prostituição, implementada a partir do estabelecimento de bordéis municipais que logo proliferaram por toda a Europa. Tornada possível graças ao regime de salários elevados, a prostituição gerida pelo Estado foi vista como um remédio útil contra a turbulência da juventude proletária, que podia desfrutar na Grand Maison – como era chamado o bordel estatal na França – de um privilégio antes reservado a homens mais velhos. (FERERICI, 2020, p. 46)

Federice, ao historicizar a trajetória das mulheres sob o prisma da acumulação capitalista, reconstrói a gênese do trabalho doméstico, um trabalho estabelecido a partir da separação entre produção e procriação. Federici atenta para o fato de que a exploração de homens sobre homens por meio do assalariamento teve como requisito indispensável o trabalho não remunerado das mulheres na esfera domiciliar. Portanto, a assimetria das relações de poder entre homens e mulheres seria cancelada pela mistificação da procriação como um recurso natural, do mesmo modo que a “essência feminina” comprovaria uma vocação das mulheres para a vida doméstica. O sexo, a sexualidade e o erotismo feminino, no desenvolvimento da lógica capital, foram vistos como ameaça e, por isso, se tornaram propulsores para a subalternizações das mulheres.

Por isso a importância da Revolução Feminina foi do século XX marcada pela luta das mulheres pela libertação sexual e igualdade de direitos. Movimentos feministas foram essenciais nos anos de 1960 e 1970. Muitas mulheres não queriam serem vistas só

como donas de casa e reprodutoras. As lutas permanecem. Por exemplo, em 2011, em Toronto começou a manifestação *Marcha das vadias*, um protesto feminista que foi disseminado em várias cidades do mundo. O protesto começou como reação à declaração de um policial, em um fórum universitário sobre segurança no *campus*, de que as mulheres poderiam evitar ser estupradas se não se vestissem como *sluts* (vagabundas, putas, vadias). Reconhecendo nesta declaração um exemplo amplamente aceito de como a violência sexual é justificada com base no comportamento e corpo das mulheres, a primeira *Slutwalk* de Toronto teve como principais bandeiras: o fim da violência sexual e da culpabilização da vítima; a liberdade e a autonomia das mulheres sobre seus corpos. A marcha é um exemplo de como podemos pensar o erotismo como uma prática da liberdade e um gesto político que desorganiza os discursos de ordenamentos e estruturação dos corpos das mulheres. A residência, no rastro de movimentos como esse, é um gesto micro-político que coloca o desejo e o erótico no centro de uma pedagogia do teatro.

Nota 5 – Planejamento da residência *Fragmentos do desejo: teatro, feminino e erotismo*.

No livro *Ensinando a Transgredir*, Bell Hooks me ensinou sobre como o ensino pode ser uma forma de conexão e erótica. A ideia de Bell Hooks sobre a paixão como motor para o aprendizado ecoa no erotismo feminino. O ensino, junto com o erotismo, é duas das minhas grandes paixões. A residência proposta é a justaposição dessas paixões. O erotismo é um ato de transgressão:

Os professores raramente falam sobre o lugar de Eros ou do erótico em nossas salas de aula. Formados no contexto filosófico do dualismo metafísico, muitos de nós aceitamos a noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente. Crendo nisso as pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. (HOOKS, 2017, p. 253)

Com os ensinamentos da prática transgressora de Bell Hooks, quero propor a residência. É fundamental, além disso, destacar como a Arte, especialmente o Teatro, contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo a expressão pessoal, a sensibilidade e o respeito a diferença. No que tange ao Teatro, a BNCC enfatiza a importância de os alunos reconhecerem e apreciarem histórias dramatizadas e outras formas de manifestação teatral presentes em seu cotidiano, inclusive as veiculadas em

diferentes mídias, como TV e internet, e em espaços públicos. Isso cultiva a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional dos estudantes.

Minha proposta de residência alinha-se aos objetivos da BNCC ao utilizar o Teatro como meio para explorar o erotismo feminino e a expressão dos desejos das mulheres em espaços alternativos. Ao promover atividades teatrais que incentivem a expressão pessoal e a reflexão sobre a identidade feminina, estarei contribuindo para o desenvolvimento das competências gerais previstas na BNCC, como a valorização da diversidade de saberes e vivências culturais, o exercício da empatia e do diálogo, e a promoção do autoconhecimento e do cuidado com a saúde emocional. A residência é resguardada pelas seguintes Competências da BNCC:

- 1) Competência 8: Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, reconhecendo-se como parte de uma sociedade plural e respeitando diferentes perspectivas e identidades.
- 2) Competência 9: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, respeitando as diversidades e os direitos humanos.
- 3) A área de Arte na BNCC está orientada para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da valorização das expressões culturais e artísticas em sua pluralidade.
- 4) Educação em Direitos Humanos e Diversidade: em várias áreas do conhecimento incluindo Arte, a BNCC incorpora a transversalidade de temas como direitos humanos, igualdade de gênero, diversidade étnico-racial e a valorização da pluralidade cultural.

O objetivo da residência é fazer pequenas composições performativas, erótica e auto-ficcionais a partir do referencial teórico discutido. A residência acontecerá durante 8 encontros de três horas cada um. O público alvo é: 10 mulheres cis e trans em vulnerabilidade social/econômica; faixa etária a partir de 18 anos.

Dia 1: Introdução e Conexão com o Corpo

- Apresentação do grupo e dos objetivos da residência.
- Aquecimento com exercícios de relaxamento e respiração.

- Experimentar princípios da massagem tântrica e a importância da auto-massagem.
- Utilização da técnica Chair dance.
- Jogos de confiança e espelho para conexão física e emocional.
- Dinâmica: exploração dos gestos e movimentos sensuais naturais.
- Reflexão: roda de conversa sobre o tema através do texto *O erotismo* de George Bataille.

Dia 2: Composição de teatralidades eróticas a partir da experiência biográficas

- Discussão sobre Performatividade e identidade.
- Dança livre.
- Leitura e roda de conversa sobre o texto *A Casa dos Budas Ditosos*.
- Trabalho de construção de personagens que desafiem normas sociais de sensualidade.
- Improvisação em duplas ou trios, explorando conflitos, desejos e relações

Dia 3: Jogos Teatrais e Improvisação

- Roda de conversa sobre *Marcha das vadias*.
- Aquecimento com dinâmicas de concentração e expressividade corporal.
- Jogos de improvisação baseados em temas de erotismo e sensualidade, rompendo tabus e estereótipos.
- Cena sem falas: explorar comunicação exclusivamente através de gestos e olhares.
- Reflexão: Identificar padrões internalizados e possibilidades de desconstrução.

Dia 4: Narrativas sinestésicas

- Leitura e Roda de Conversa sobre o livro *Blasted*.
- Meditação guiada para acessar memórias sensoriais ligadas ao prazer.
- Escrita de textos curtos sobre experiências sensoriais marcantes.
- Compartilhamento e interpretação dessas narrativas em pequenos grupos.
- Reflexão: Como nossas experiências sinestésicas influenciam nossa relação com o erotismo?

Dia 5: A Voz como Ferramenta de Poder e Erotismo

- Roda de conversa sobre o livro Calibã e a Bruxa.
- Exercícios de respiração diafragmática e projeção vocal.
- Leitura de textos curtos, explorando entonações sensuais e narrativas que expressem desejo.

Dia 6: Montagem de Cenas

- Oficina de escrita de pequenos textos autorais.

Dia 7: Refinamento das Cenas e Feedback

- Finalização da escrita dos pequenos textos autorais.
- Experimentação Cênica dos textos autorais.

Dia 8: Apresentação Final e Celebração

- Mostra das pequenas cenas autorais.
- Roda de conversa final.

Conclusão

Esse TCC funcionou como um caderno de apontamentos de textos que foram me atravessando para pensar Erotismo. Esse texto quis construir uma discussão teórica que me fizesse ter segurança em montar uma Residência Artística que tem a mulher e o erotismo como linhas de forças.

Tem muita coisa no caminho. Essa escrita, o modo de distribuir os textos em fragmentos no formato de notas de um caderno permitiu que eu assumisse a minha voz subjetiva e autoral em todo o TCC. É importante dizer, nesse final, que essa escrita só foi possível com Saulo Moreira assumindo um papel de editor do texto. Há uma lacuna do curso de Artes cênicas: não há no currículo nenhum componente de produção textual

acadêmico. Isso fez com que a escrita do TCC apresentasse questões que só foram sanadas com um investimento de tempo e reescrita por parte do orientador comigo.

Os autores escolhidos me fizeram compor o seguinte argumento: o erotismo é o que está entre o interdito e a transgressão – por isso passeamos pelas notas que trouxeram a poética de Sara Kane, a narrativa pornográfica de João Ubaldo Ribeiro, O Erotismo pensado por Bataille e a historicização política de Silvia Federici que localiza como os processos de subalternização dos corpos-mulheres está atrelada ao projeto capitalista.

Essa composição teórica tem uma finalidade prática – fazer uma residência artística na qual as notas ganhem corporeidades e sejam motivos de discussão entre um grupo diverso de mulheres. Entendo que teoria é prática e prática é teoria. Considero que, embora a residência não tenha acontecido de maneira pragmática, ela aconteceu subjetivamente quando mobilizei os textos discutidos.

Faço planos para o futuro. Quero, depois da residência proposta, fazer ampliar o caderno de anotações com os registros das práticas e produzir mais teoria e mais prática com a finalidade de participar de um edital para um futuro mestrado. Esse TCC tentou cumprir o objetivo que a escrita monográfica pede: aprendi escrever escrevendo, aprendi pensar pensando, aprendi articular determinado autor com outro autor e entendi que o teatro, na lógica da contemporaneidade, só tem sentido quando se assume como um território da política do desejo. Esse TCC é meu gesto político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. A chama de uma vela. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

BATAILLE, Georges. O erotismo. São Paulo: Editora Ática, 1987.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KANE, Sarah. Blasted. Londres: Methuen Drama, 1995.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBEIRO, João Ubaldo. A casa dos budas ditosos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.